

Democracia no Mundo do Trabalho – intervenção no XIII Plenário do Conselho Federal de Psicologia<sup>1</sup>

Sérgio Lessa

Doutor em Ciências Humanas pela Unicamp e professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas. Membro do Comitê Editorial da Revista Crítica Marxista e autor de Para Conhecer a Ontologia de Lukács, Mundo dos Homens, Sociabilidade e Individuação e Trabalho e Proletariado no Capitalismo Contemporâneo.

É uma honra estar aqui com vocês. Fiquei muito estimulado com a idéia de tentar abrir esse diálogo com a Psicologia, do que sinto uma enorme falta. Pensar o indivíduo, a sua subjetividade é hoje uma questão decisiva. Esse intercâmbio entre as nossas áreas talvez venha a ser extremamente produtivo.

O professor Wanderley Codo diz que a esquerda confunde trabalho e emprego; eu vou além e afirmo que é uma confusão com uma intenção política, com um objetivo político. Na medida em que se defende o emprego e que se o confunde com trabalho, necessariamente, se está fazendo a defesa do capitalismo. E o máximo que a esquerda que opera a partir dessa confusão pode fazer é propor um capitalismo mais humano. E isso é um conto de fadas. Não há qualquer possibilidade de humanização do capitalismo: o capitalismo é desumano na sua essência. E é um contra-senso propor uma desumanidade mais humana. Isso não existe. Esta ilusão poderia ter alguma aparência de verdade na época do Estado de Bem-estar, na década de 50 e 60, para aqueles nove países imperialistas que o conheceram.

Essa ilusão acabou. Se observarmos o mundo atual, Guantânamo e democracia são rigorosamente compatíveis. Não há incompatibilidade entre a democracia, torturas e

---

<sup>1</sup> Publicado in de Souza, J. F., Oliveira Silva, M. V. (orgs.), *Democracia e Subjetividade: a produção social dos sujeitos democráticos*. Conselho Federal de Psicologia, São Paulo, 2009.

prisões secretas na França, Alemanha, Itália, para não falar do Terceiro Mundo. Democracia é a regência do capital, não é outra coisa.

Por isso, o Wanderley tem toda a razão: a nossa esquerda se transformou numa esquerda que, no máximo, se propõe a ser a esquerda do capitalismo. E isso, pessoal, é a esquerda da direita. Para refletir sobre o trabalho na democracia, temos que pensar radicalmente. A história não nos permite mais esquecer a contradição fundamental e ficar navegando nas chamadas "mediações" que só nos fazem perder a radicalidade cruel do mundo em que vivemos. Sabemos, desde de Hegel, que as mediações são carente de substância própria, elas retiram suas substâncias dos pólos entre os quais servem de mediações. A esquerda de que falamos, aquela que é a esquerda da direita, se especializou em centrar sua ação em mediações cuja substância reside na busca de um capitalismo democrático e de face humana. São mediações entre o atual poder estabelecido e um futuro impossível: por isso, na prática, o culto de tais mediações por esta esquerda não vai além da rendição cotidiana aos poderes estabelecidos.

Gostaria de fazer uma reflexão sobre o que está acontecendo como o trabalho atualmente. Trabalho, para Marx e Lukács, é categoria fundante do mundo dos homens. Em todas as sociedades de classe, a reprodução social se caracteriza, em sua essência (deixando de lado mediações importantes, particularidades importantes), pela presença de um setor que produz o "conteúdo material da riqueza"<sup>2</sup>. E este conteúdo material é produzido na transformação da natureza em meios de produção de subsistência. Portanto, é produzido pelo trabalho manual, porque só se transforma a natureza pelo trabalho manual. Não há outra possibilidade. E, por outro lado, há um setor da sociedade que parasita esta produção: a classe dominante e seus auxiliares, quase

---

<sup>2</sup> Marx, K. *O Capital*. Vol I, Tomo I, Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1983, pg. 46.

sempre assalariados. Isto vale para o modo de produção escravista, para o modo de produção asiático, para o modo de produção feudal e para o capitalismo.

O que está acontecendo, hoje, com esse trabalho que funda a sociedade? Com o intercâmbio orgânico com a natureza, que produz o "conteúdo material da riqueza social" qualquer que seja a formação social? Ele se mantém como a categoria fundante dos nossos dias. O que há de específico é que vivemos um momento de transição no qual o trabalho abstrato, o fundante do modo de produção capitalista, está imerso na mesma crise estrutural que assola o sistema do capital em sua totalidade.

Vivemos em uma enorme, gigantesca, estrutural crise. O que significa uma crise estrutural da forma historicamente peculiar assume o intercâmbio do homem com a natureza no modo de produção capitalista. A partir da Segunda Guerra (para fazer curta uma longa história que começou em 1500), temos um momento do capitalismo que gerou a falsa impressão de que aquele capitalismo pensado por Marx, com burguesia e proletariado e as "classes de transição"; que tinha na propriedade privada e na exploração do trabalho sua questão fundamental -- esse capitalismo estaria superado. Teríamos agora o Estado do Bem-estar Social, um novo Estado capaz de implementar o bem-estar de toda a sociedade por meio das políticas públicas na educação, saúde, transporte e que, portanto, aquele capitalismo já foi superado. Essa ilusão gerou um certo otimismo e a humanidade projetava seu futuro *a la* Flash Gordon: a riqueza venceria a pobreza; a ciência, a doença, etc.

Naquele momento, há a possibilidade das pessoas entrarem na fábrica e, a partir daí, terem um processo de crescimento profissional. O trabalhador entra na fábrica e após 30, 35 anos, conseguiu comprar sua casinha, deu escola para os filhos, possui um carro não muito velho, etc. Ou seja, tem uma perspectiva de vida que se articula ao redor da exploração da força de trabalho. Na fábrica é barbaramente explorado, levando

uma vida absolutamente insuportável do ponto de vista humano: é o fordismo mais “fordista”. O trabalhador da fábrica ainda encontra uma razão para viver, porque, apesar de tudo, sabe que a sua conta bancária, ao final da sua vida, terá melhorado um pouco. E esta é a razão de viver do modo de produção capitalista. E isso também se estendia às classes de transição.

Quando da crise estrutural do capital, Flash Gordon é substituído por Mad Max, Blade Runner, Matrix. A humanidade antecipa que não lhe resta outro futuro a não ser a sua própria destruição. Sabemos que vivemos em um modo de produção que não pode sobreviver por muito tempo. Está destruindo o planeta ao mesmo tempo em que está transformando a sociedade em um campo de batalha. O espaço urbano se organiza tendo, de um lado, os ricos em seus castelos - os condomínios com muralhas--; e do outro lado, os trabalhadores se organizam para fazer a guerra de o movimento contra as fortalezas. Vocês já viram a guerra de movimento perder para a guerra de posição? Esta sociedade não se mantém por muito tempo! A questão é saber por quanto tempo.

Depois de anos de stalinismo e depois de anos de social democracia, o que vigora no interior da esquerda é a defesa do emprego. O lema é “temos que negociar sempre, não importa o quê”. Porque é sempre uma esquerda que é a esquerda do capitalismo, a esquerda da direita. Então, quando surge a reestruturação produtiva, que significa introduzir tecnologia que faz com que cada trabalhador produza muito mais em um cenário de crise internacional, com os mercados consumidores diminuindo, é preciso cada vez de menos trabalhadores. Gera-se um desemprego jamais conhecido. E o resultado é que, no interior das próprias unidades produtivas, ao invés da defesa do emprego, faz-se o contrário: negocia-se a demissão dos colegas. Rompe-se a solidariedade de classe ao invés de declarar: “não aceitamos a demissão dos nossos companheiros. Vamos ocupar essa fábrica e transformá-la, de local de produção de

lucro, em lugar para produzir o que as pessoas precisam. Colocaremos no centro da produção as 'necessidades humanas'". Como não se toma essa atitude, o resultado é o que estamos colhendo agora: uma redução numérica da classe operária, um aumento assustador do desemprego, a degradação da vida social, a desumanização e a desumanidade.

Como resultado, deixamos de ter aquela vinculação que existia na década de 50 ou 60 quando o emprego ainda era uma perspectiva de vida. E vivemos, então, uma enorme crise: por isso devemos pensar em uma sociedade para além da relação assalariada, como dizia Marx. O erro é que sempre estamos pensando em um salário justo para uma jornada de trabalho justa, quando deveríamos pensar para além da relação do assalariamento, para além da exploração do trabalho pelo capital. Porque, no interior dessa exploração não há qualquer possibilidade de reverter as tendências mais destrutivas que o capitalismo é capaz de produzir. E isto não é uma dedução teórica, basta olhar para o mundo. Nosso grande desafio é sermos capazes de olhar o outro lado do muro para pensarmos o mundo em que vivemos a partir da sua contradição central. E essa contradição é rigorosamente explosiva.

Estou colocando a questão nesse patamar porque estou convencido de que a democracia não serve para pensarmos a superação do capital. A superação do capital ou é a superação da democracia ou não é. Cada modo de produção gera a sua forma de organização política. O Estado burguês é aquele que opera a cisão entre a sociedade civil e o Estado: é o correspondente político da sociedade mercantil. A democracia é equivalente na seara política ao que o mercado faz com a força de trabalho. Na esfera econômica, o trabalho abstrato é redução da força de trabalho de todos os indivíduos a uma média comum. Na democracia, a redução de todos na esfera política à mesma média é a cidadania. Todos são rebaixados a cidadãos. A democracia somente é possível

de ser pensada a partir da cidadania. E a cidadania nada mais é, na esfera da política, do que a abstração redutora do humano ao papel de cidadão.

Quando adotamos como perspectiva a democracia, necessariamente adotamos como perspectiva a cidadania. “Todos somos iguais perante a lei”. Hoje, não há nada mais falso e não há nada mais contrário à liberdade. Pensar uma sociedade em que todos são iguais perante a lei significa pensar uma sociedade em que a lei não protegerá o pobre contra o rico; uma sociedade que não levará em consideração as diferenças reais das pessoas. O resultado é o que vivemos hoje. Estou convencido de que, se queremos uma sociedade livre, as eleições não nos conduzirão a ela. A eleição é uma farsa. Pela eleição o poder do capital se impõe sobre a participação de todos. Vocês já viram eleição em que a vontade da maioria se impôs? Jamais existiu na história. De quantas eleições já participamos? Quando se trata de reduzir todos à cidadania e reduzir todos ao voto, essa liberdade formal expressa, na realidade, a superioridade do capital sobre o trabalho, o poder do capital na reprodução social sobre o trabalho. Até quando vamos ficar nisso?

Temos que pensar em uma mudança radical, ou seja, uma mudança que surja da raiz da sociedade. Temos que superar o trabalho abstrato. Na esfera da produção temos que superar a exploração do homem pelo homem. A partir daí surge a organização dos produtores associados. Temos que implementar uma reprodução da sociedade que não tenha como categoria central o tempo de trabalho socialmente necessário, mas que tenha como categoria central o "tempo disponível" -- para que possamos decidir o que queremos fazer das nossas vidas, o que queremos do nosso destino. Isso que o Wanderley estava dizendo, tomar nossa história em nossas mãos. Precisamos pensar para além desse horizonte mesquinho, embolorado, esta vida medíocre que vivemos. Não responderemos aos desafios históricos que temos se não formos capazes de

entender que a democracia, na esfera política, é a mesma coisa do trabalho abstrato na esfera econômica; e que um implica o outro. Precisamos fazer a crítica radical de todos esses pressupostos, pois se não formos capazes de responder aos desafios históricos, a história passará por nós, será feita sem que haja nossa intervenção consciente. Nesse caso, o capitalismo pode, perfeitamente, destruir a humanidade, pode tornar este planeta um local impossível para a humanidade sobreviver. Destruiremos-nos e não sairemos deste buraco.

Para encerrar, estou convencido que vivemos hoje o período contra-revolucionário mais intenso e mais extenso que a humanidade jamais viveu. Desde a Revolução Francesa, nunca vivemos tanto tempo sem ter sequer uma revolução importante. A última grande revolução foi a chinesa, em 1949. E se a história ensina alguma coisa é que todo período revolucionário é precedido por um ciclo contra-revolucionário no qual o capitalismo desenvolve e intensifica suas contradições até um ponto de ruptura. Se a história confirmar esta tendência, estamos indo para o período revolucionário mais intenso e mais extenso que a humanidade jamais conheceu. O que vivemos hoje, e que parece não ter futuro, é apenas uma ilusão provocada por esse momento histórico. A história é muito mais do que isso. Enquanto estamos vivendo nessa esfera real, mas fenomênica, a essência da reprodução social está fazendo o seu trabalho. As contradições estão aumentando, a vida está se tornando insuportável para ricos e para pobres. Estamos indo para uma sociedade rigorosamente impossível de ser vivida. Como pensadores, como marxistas, como revolucionários, como profissionais, o nosso grande desafio é não fugir das grandes questões, não nos amesquinhamos diante desse dia-a-dia frustrante, não deixarmos que o poder da vida cotidiana domine as nossas idéias. Temos que pensar grande e com coragem.

Muito obrigado

